

MULTILETRAMENTOS E EDUCAÇÃO BILÍNGUE: ENTRELAÇANDO DISCURSOS E PERSPECTIVAS

CINTIA CRISTINA CAMARGO*


Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 29 ago. 2019. Aprovado em: 24 set. 2019.

Como citar este artigo: CAMARGO, C. C. Multiletramentos e educação bilíngue: entrelaçando discursos e perspectivas. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 3, p. 111-130, set./dez. 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n3p111-130

Resumo

O presente trabalho busca investigar as principais concepções de multiletramentos no Brasil a partir das contribuições teóricas do New London Group, consideravelmente disseminadas no âmbito do ensino de línguas nos últimos anos. A partir desse estudo, objetiva-se averiguar relações entre essas teorias e a notável expansão do ensino bilíngue no Brasil, procurando entender de que maneira elas são concebidas em um contexto de escolas bilíngues de prestígio.

* E-mail: cintiacamargoeduc@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-9241-2982>

Palavras-chave

Multiletramentos. Tecnologia. Educação bilíngue de prestígio.

INTRODUÇÃO

Não há novidade em dizer que vivemos na era da globalização, e, para além do aspecto econômico, sabemos que o termo abrange os processos políticos, tecnológicos e culturais da sociedade atual (PENNYCOOK, 2007). Em verdade, considerando o avanço das tecnologias digitais em nossos dias, é possível afirmar que é tão somente a partir dos processos tecnológicos que o fenômeno da globalização pôde constituir-se no mundo, nas últimas décadas. Essas mudanças têm obrigado profissionais de todas áreas a repensar seu *modus operandi* com o objetivo de se adaptarem às inovações e aos costumes das sociedades agora digitais. Todavia, é na área de estudos em educação, sem dúvidas, que tal desafio tem trazido inúmeros questionamentos já há algum tempo. Muito embora os avanços tecnológicos ocupem cada vez mais espaço na vida das pessoas com impressionante rapidez, sem levar em conta quaisquer aspectos críticos que possam ser suscitados por cientistas das ciências humanas, não é recente a preocupação por parte dos estudiosos da área da educação acerca de novas maneiras de ensinar e aprender que acompanhem tais mudanças. Nesse sentido, muito tem se falado sobre metodologias e pedagogias que considerem as novas tecnologias em suas propostas, logo, muito tem se falado sobre os estudos de letramentos, novos letramentos, multiletramentos. Falar em educação hoje, seja qual for o contexto, significa inevitavelmente esbarrar em algum momento com as teorias dos multiletramentos e suas concepções, entendendo nesse ponto tais teorias como uma perspectiva crítica a respeito do ensino da língua inglesa e da herança territorial implicada nesses processos, como poderá ser averiguado adiante. Desse modo, fazendo-se um recorte para o cenário nacional, surgem algumas inquietações. Seria possível investigar quais são as nossas concepções de multiletramentos? Considerando ainda o objetivo de relacionar essas teorias com o contexto de educação bilíngue, ele se justifica por meio da intenção de iniciar uma pesquisa mais ampla sobre a efervescente expansão dessa modalidade de ensino no país, modalidade que já tem sido tratada por alguns pesquisadores como edu-

cação bilíngue de elite.¹ Tal intenção tem como principal motivação o seguinte questionamento: considerando a relevância dessas teorias para o ensino de línguas em paralelo ao crescimento do número de escolas bilíngues em território nacional, seria possível verificar em que medida as concepções de multiletramentos trabalhadas no Brasil estão presentes nas propostas pedagógicas dessas escolas?

Entendendo esse questionamento como instigação central que impulsionou o presente estudo, é necessário esclarecer que responder a uma pergunta como essa não é tarefa simples e por esse motivo não se constitui como um objetivo para este texto, uma vez que seria necessária uma análise cuidadosa e de maior amplitude a partir de dados oficiais de escolas bilíngues dessa categoria.

Nessa esteira e na tentativa de desenhar caminhos possíveis para relacionar as teorias dos multiletramentos e a expansão do ensino bilíngue no país, este trabalho tem como proposta desenvolver uma análise teórica que esteja a serviço de uma pesquisa nessa direção, e ele o faz a partir de alguns passos. Primeiramente, ele se valerá das contribuições teóricas dos primeiros estudos sobre multiletramentos do New London Group – NLG (2000), buscando entender simplesmente seus principais objetivos e seu contexto. Em seguida, a partir dos estudos de importantes pesquisadoras brasileiras nesse campo, a saber, as docentes Roxane Rojo, Walkyria Monte-Mór e Fernanda Liberali, tentar entender as concepções por elas abordadas. Por fim, considerando o contexto de educação bilíngue de prestígio, no qual o acesso aos mais variados recursos tecnológicos não é nem de longe uma questão problemática, apresentar uma reflexão sobre a possibilidade de que as propostas pedagógicas das instituições desse perfil levem em conta essas concepções de multiletramentos, ou ainda, se consideram, se têm conhecimento de tais perspectivas. Obviamente que uma análise mais aprofundada não é a intenção do presente texto, ao passo que, para uma averiguação apropriada que pudesse sanar esse questionamento, seria necessário um trabalho de fôlego muito maior, com dados de escolas que aceitassem participar de uma pesquisa dessa amplitude, como mencionado anteriormente. Entretanto, conseguir cumprir com os propósitos

1 Em “Caminhos da educação bilíngue no Brasil: perspectivas da linguística aplicada”, Megale e Liberali (2016) afirmam que “educação bilíngue de elite” é uma denominação que caracteriza a situação financeira favorável dos alunos que podem frequentar instituições destinadas à população mais abastada. De acordo com as autoras, nessas escolas a instrução acontece em português e em uma segunda língua de prestígio concomitantemente, e as escolas “português-inglês” são as que apresentam crescimento mais acelerado.

ora mencionados de forma satisfatória significa conseguir justificar o desejo por esse caminho de pesquisa, bem como por mais estudos que relacionem as teorias de letramentos e multiletramentos com um fenômeno ainda pouco pesquisado no Brasil – a expansão do ensino bilíngue de elite. Esse fenômeno abre possibilidades para diversos caminhos de pesquisa, de questionamentos, de reflexões que englobam de maneira geral as muitas heranças construídas pela língua inglesa nas últimas décadas.

Considerando a língua inglesa como língua franca na comunicação entre países globalizados nos anos mais recentes, dominar o idioma confere ao cidadão um privilégio a ser reconhecido, um diferencial em sua trajetória rumo ao sucesso econômico e social (MONTE-MÓR, 2012). Nesse cenário, explica-se a recente e significativa procura por parte dos pais por institutos de idiomas, escolas internacionais e bilíngues, ou ainda, por alternativas por parte das escolas mais tradicionais que ofereçam programas que privilegiem o ensino da língua inglesa em sua grade curricular. Em um contexto marcado pelo viés mercadológico neoliberal, escolas particulares elitizadas buscam atender a essa demanda oferecendo programas bilíngues como garantias de um futuro de sucesso. De acordo com Monte-Mór (2012), a justificativa para o ensino de inglês no currículo escolar está nos processos de globalização intrinsecamente ligados aos avanços da tecnologia e de suas influências de valores sobre as sociedades digitais. Para além das questões suscitadas pela autora, como problemáticas em torno dos conceitos de local e global, e ambíguas noções de progresso por conta desses fenômenos, é bastante clara a relação entre a tecnologia, os processos de globalização e a demanda do ensino de inglês, relação que, apesar de parecer evidente, não foi ainda muito explorada numa perspectiva que considere o contexto de educação bilíngue de prestígio, o que reforça a necessidade de mais estudos que se aprofundem nesse tema.

OS MULTILETRAMENTOS

Os multiletramentos têm se tornado um campo fértil de estudos entre os pesquisadores brasileiros nas últimas décadas. Para Duboc e Ferraz (2018), tal entusiasmo pode ser conferido por meio da quantidade de eventos em todo o país, nos quais os multiletramentos figuram como tema principal de conferências. Atualmente, pode-se dizer que o uso do termo está tão disseminado entre

os educadores que encontrar conteúdo a esse respeito em diferentes contextos, e principalmente na *internet*, é tarefa fácil. Segundo Rojo (2012), esse interesse imediato por parte de profissionais da educação em uma pedagogia dos multiletramentos tem a ver não somente com seus princípios de pluralidade cultural e diversidade de linguagens tão necessárias nos dias de hoje, mas também com o fato de que essas teorias muito se identificam com os conceitos de Paulo Freire, conhecidos e almeçados por grande parte dos docentes no Brasil.

As teorias chamadas de multiletramentos nascem em meio a um contexto no qual pesquisas e discussões sobre letramentos já se desenvolviam por muito tempo no mundo todo. Os pesquisadores desse campo já se preocupavam em “separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização” (KLEIMAN, 1989 apud ROJO, 2009). É na década de 1980 que os estudos de letramentos ganham força com a corrente que ficou conhecida como New Literacy Studies (NLS), principalmente por meio da obra de um de seus principais percussores, o antropologista Brian Street, que, de acordo com Rojo (2009), inaugura esse momento com uma obra “divisora de águas”, na medida em que propõe uma divisão entre dois enfoques de letramentos: o modelo autônomo e o modelo ideológico.

Em uma época em que os pesquisadores dessa área já aplicavam a perspectiva dos NLS para práticas que envolvessem outras tecnologias que não as impressas, como as digitais (GEE, 2015), surge uma nova corrente nesse cenário – o NLG. Um grupo de pesquisadores de letramentos de diferentes partes do mundo, como Estados Unidos, Austrália Inglaterra e África do Sul, reúne-se pela primeira vez na cidade de Nova Londres, em Nova Hampshire, em 1994, após alguns anos de pesquisa e comunicações nesse campo, e redige um documento denominado por eles como um manifesto: “Uma pedagogia de multiletramentos: desenhando futuros sociais” (“A pedagogy of multiliteracies: designing social futures” (NEW LONDON GROUP, 2000). Nesse documento, o grupo introduz seus estudos como uma tentativa, inclusive não acabada e aberta ao diálogo com outros educadores, de expandir a compreensão em letramento e em ensino e aprendizado de letramento, com fins de incluir o que eles chamam de uma negociação de uma multiplicidade de discursos. Para abrir as discussões, o grupo aponta para questões que serão fundamentais em suas propostas, como as indagações sobre como é possível garantir que diferenças de cultura, linguagem e gênero não sejam barreiras para o sucesso educacional, e também sobre quais seriam as implicações dessas diferenças para

uma pedagogia de letramentos (NEW LONDON GROUP, 2000). Na visão de Rojo (2012), o NLG cunhou o termo multiletramentos a fim de nomear um conceito que deveria dar conta de dois “multi” – as multiculturalidades advindas dos processos de globalização e a multimodalidade dos textos veiculados por essas multiculturalidades. Nessa época, as práticas em torno de novas mídias digitais e sociais estavam apenas começando a emergir, e, com isso, o enfoque dos estudos do NLG estava na visão de que as pessoas são *designers* ativos no processo de produção de sentido ao se utilizarem de linguagem oral, escrita ou mediada, constituindo-se, portanto, de um pensamento crítico para tal (GEE, 2015). Nesse sentido, Bill Cope e Mary Kalantzis (2000, p. 4, tradução nossa) resumem:

O foco era o todo: um mundo em transformação e suas novas demandas sendo impostas às pessoas fazendo delas fazedores de sentido em locais de trabalho também em transformação, como cidadãos em espaços públicos transformados em dimensões transformadas das nossas vidas em comunidade – nossos mundos vivenciados.²

Assim, a pedagogia dos multiletramentos, construto que corresponde ao componente “como” do argumento da teoria dos multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2015), surge com o objetivo de formar cidadãos que tenham a competência técnica necessária para lidar com os novos letramentos requeridos por esse novo éthos e que esteja baseada, sobretudo, “em visões sobre como funciona a mente humana na sala de aula e em sociedade, assim como sobre a natureza do ensino e do aprendizado” (NEW LONDON GROUP, 2000, p. 30). Para isso, o NLG propõe uma pedagogia que seria uma complexa integração de quatro componentes: prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico e prática transformada. Essas quatro principais dimensões da pedagogia de multiletramentos foram reformuladas e publicadas em 2015 por Bill Cope e Mary Kalantzis, que as traduziram como “Processos de conhecimento: experimentando, conceitualizando, analisando e aplicando”. Contudo, independentemente da terminologia usada, de acordo com o grupo, quando se categorizam tipos de atividade de aprendizado, a principal ideia das teorias de multiletramentos baseia-se no fato de que o aprendizado é um entrelaçamento

2 “*The focus was the big picture: the changing world and the new demands being placed upon people as makers of meaning in changing workplaces, as citizens in changing public spaces and in the changing dimensions of our community lives – our life worlds.*”

do que acontece em meio a movimentos pedagógicos de quaisquer direções (LUKE *et al.*, 2004 *apud* COPE; KALANTZIS, 2015).

A pedagogia dos multiletramentos, como pode se ver, nasce a partir da necessidade de adequar as práticas de ensino a um contexto em que o aparecimento das tecnologias digitais já apontava, naquela época, para um momento social tão novo, em que ensinar e aprender por meio de modos ultrapassados, como a lousa, o giz, os cadernos, e considerando apenas padrões culturais canônicos e homogêneos, já não poderia ser um cenário possível de se pensar para a escola do futuro. Nesse sentido, e apenas como exercício de reflexão, caberia uma avaliação sobre o quanto essas perspectivas cobrem ou não aspectos pertinentes aos avanços tecnológicos mais atuais presentes na sociedade de hoje. Pensar em algoritmo, dadificação, inteligência artificial, entre outros elementos e aspectos da era digital tão presentes nos dias das pessoas hoje, é também pensar em como as pedagogias mais modernas conseguirão dar conta das novas maneiras de aprender do ser humano e de suas novas versões e propósitos diante de um mundo novo. Nesse aspecto, faz sentido pensar que as pedagogias, assim como afirmam Cope e Kalantzis (2015) sobre a forma de pensar da sociedade, também precisarão se desenvolver diante dos moldes de um novo mundo.

EM TERRA BRASILIS

Os estudos de letramentos também começaram a acontecer no Brasil desde longa data e têm como ponto de partida a diferenciação entre os conceitos de letramento e alfabetização com os trabalhos pioneiros de Kato (1986), Soares (1998, 2008, 2003), Kleiman (1995, 2005) e Rojo (1998). Com o tempo, tal distinção de conceitos foi desenhando entre os pesquisadores brasileiros o que se constituiu como uma corrente filosófica que ficou conhecida como simplesmente “letramentos”. A partir dessa corrente, que aparentemente compartilha das noções dos NLS, particularmente a partir das contribuições de Street (DUBOC; FERRAZ, 2018), distinguem-se diferentes caminhos de pesquisa com direcionamentos distintos, como letramentos críticos, novos letramentos, letramentos digitais, multimodalidade e multiletramentos.

No que diz respeito aos multiletramentos, de acordo com Bill Cope e Mary Kalantzis (2015), desde o primeiro manifesto escrito pelo NLG em 1996 até o ano de 2015, mais de 20 anos após a primeira publicação do grupo, o

Google Acadêmico havia registrado 12.700 artigos acadêmicos que citam o termo multiletramentos, 193 livros vendidos pela Amazon com a palavra em seu título e 196 mil *web pages* que mencionam o termo na internet.

No Brasil, destacam-se os estudos da professora doutora Walkyria Monte-Mór, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), que coordenou o Projeto Nacional de Formação de Professores “Novos Letramentos, Multiletramentos e Línguas Estrangeiras”, de 2009 a 2015; coordena o Projeto Nacional de Letramentos: Linguagem, Cultura, Educação e Tecnologia e coordena o Projeto de Pesquisa “Project on Knowledge and Exchange and Research: Literacies and Languages in Teacher Education” em parceria com a Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. O convite a uma reavaliação dos valores em torno de processos tão latentes e já um tanto naturais para o mundo atual, como a globalização e a digitalização das sociedades, é característica marcante no trabalho de Monte-Mór, sempre voltado para prática pedagógica, a despeito do que se diz sobre as distâncias entre as teorizações acadêmicas e a realidade da sala de aula, fato reconhecido pela pesquisadora como desafio para o cenário educacional brasileiro. Nesse sentido, pode-se dizer que seus estudos estejam mais voltados aos letramentos críticos, com enfoque na formação do professor de língua estrangeira, considerando que as inquietações da pesquisadora em torno da importância de valorizar as muitas pluralidades (de crenças, comportamentos, pensamentos) para a criação de novas formas de viver estão em seus trabalhos desde antes do enfoque em letramentos/multiletramentos (MONTE-MÓR, 2002). Dentre os trabalhos da autora e considerando os objetivos deste texto, salienta-se o artigo “Globalização, ensino de língua inglesa e educação crítica” (MONTE-MÓR, 2012), em que é defendida a ideia de que os professores de língua inglesa necessitam fundamentalmente refletir criticamente sobre as relações entre o ensino do inglês e a globalização, o que significa dizer que olhar criticamente para questões importantes intrínsecas aos processos globalizantes, como os conceitos de global e local, Estado-nação e homogeneidade e heterogeneidade, é fundamental para a autora. Esse posicionamento pode ser também verificado nos resultados de um estudo realizado por Monte-Mór (2007) com estudantes de graduação do curso de Letras, em que, após a realização de determinada atividade envolvendo um vídeo de um documentário e utilizando como suporte teórico as noções de *habitus* de Bordieu, a autora identifica em seus alunos grande dificuldade em fazer conexões interpretativas

em termos políticos com o texto em questão, o que, segundo ela, pode estar relacionado à maneira como a leitura e a interpretação de texto são ensinadas nos ensinos fundamental e médio, mas que também reforça a necessidade de se promover uma prática de criticidade com alunos de graduação, que, sendo futuros professores, possuem a chance de poder fazer a diferença, uma vez que consciência e senso críticos de cidadania passam a ser o foco da prática pedagógica. Entretanto, buscando encontrar nos trabalhos da pesquisadora maior enfoque nos multiletramentos e tecnologia, é relevante mencionar outro estudo envolvendo alunos de graduação do curso de Letras no qual Monte-Mór (2008, p. 16) defende que

[...] há muito ainda a se aprender sobre as linguagens digitais e sobre os conhecedores das sociedades digitais a fim de se entender, e se fazer as escolhas adequadas sobre quais letramentos devem ser desenhados, planejados ou promovidos, para atender às necessidades das tão discutidas novas sociedades.

Ainda nessa esteira, importa mencionar o artigo “Learning by design: reconstructing knowledge processes in teaching and learning practices”, de Monte-Mór, publicado no livro *A pedagogy of multiliteracies*, de 2015, editado por Bill Cope e Mary Kalantzis. Para além de um ótimo panorama desenhado por Monte-Mór (2015, p. 187) acerca dos estudos de letramentos e multiletramentos no Brasil, em que ela identifica três momentos importantes desse contexto como três gerações – o movimento em volta das teorias freirianas de letramentos; a ótima aceitação das ideias de Street e a identificação da academia brasileira com elas, muito por conta da proximidade com as concepções de Freire, e a corrente de estudos do NLG e suas propostas de letramentos/multiletramentos/novos letramentos. A autora ilustra nesse artigo como as teorias das pedagogias de multiletramentos podem ser verificadas positivamente na prática, sobretudo ao demonstrar a evidência “da relevância de uma proposta *design-based* de multiletramentos” (MONTE-MÓR, 2015, p. 207). O referido experimento interessa a este estudo na medida em que ele demonstra, por meio da prática pedagógica, como as experiências de fora da escola e o conhecimento prévio dos alunos em tecnologia, produção de sentido e multimodalidade podem ser considerados fundamentais para eles redefinirem sistemas convencionais em seus processos de aprendizagem. De acordo com Monte-Mór (2015), a pesquisa em torno de atividades baseadas na perspectiva *design-based* é, além de relevante, muito necessária para benefício dos aprendi-

dizes de hoje. Considerando um trabalho direcionado para formação de professores, a pesquisadora defende que as propostas dos multiletramentos muito contribuem para um projeto social educacional que oportunize aos alunos vivenciar os aprendizados em sua prática social dentro e fora da universidade.

A partir do exposto, pode-se ter um panorama rápido sobre as concepções de Monte-Mór acerca das teorias de letramentos/multiletramentos, sendo possível observar que suas perspectivas têm um enfoque crítico-reflexivo que se ocupa mais em promover um repensar as questões que envolvem as inovações tecnológicas do que se aprofundar em tecnologia especificamente. Para a autora, a comunicação desta era se constrói pela linguagem da tecnologia digital, o que implica refletir sobre questões de convergência e diversidade envolvidas nesse processo (MONTE-MÓR, 2014).

Outro nome importante, quando se trata de letramentos/multiletramentos no Brasil, é o da professora doutora Roxane Rojo, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp). Com vasta produção acadêmica e publicação de livros nesse campo de estudos, Rojo apresenta uma perspectiva de multiletramentos que ficou conhecida pelo cruzamento com os conceitos de Bakhtin. De acordo com a autora, para que seja possível aplicar a pedagogia dos multiletramentos propostas pelo NLG, é preciso organizar a variedade de multiplicidades e diversidades de práticas letradas nas sociedades urbanas contemporâneas, com o propósito de escolher quais práticas devem constituir os currículos escolares. Nesse sentido, Rojo (2010, p. 30) afirma:

Tenho sustentado, nos últimos anos, que dois organizadores muito úteis para a seleção de objetos de ensino dentre essas múltiplas práticas e, logo, para a construção do currículo, são os conceitos de “esfera de comunicação ou de atividade humana” e de “gênero de discurso” (BAKHTIN, 1992 [1952-53/1979]).

Rojo (2010) defende que cada esfera de atividade humana é uma esfera de circulação de discursos com linguagem própria, havendo assim, de acordo com os estudos bakhtinianos, gêneros de discurso admitidos e não admitidos. Para a autora, se o professor se apropriar dessa concepção, ele poderá adotar a pedagogia dos multiletramentos com mais facilidade, pois terá a oportunidade de escolher quais contextos ou esferas de letramento trabalhará com seus alunos, cada qual com suas linguagens e mídias, culturas locais ou globais, valorizadas ou não. Em “A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e

os multiletramentos”, Rojo (2013) vai um pouco além e critica alguns conceitos das teorizações do NLG, como a prática situada, que, de acordo com a autora, não leva em conta a questão das culturas do alunado. Outro ponto frágil para Rojo é o fato de que as teorias do NLG não dão a atenção que ela entende como fundamental às questões de hibridismo cultural característico da modernidade. Nesse artigo, com base nos conceitos do Círculo de Bakhtin acerca do enunciado situado e nos conceitos relacionados a ele como reflexão e refração, apreciação valorativa, polifonia, entre outros, Rojo (2013) desmonta a grade analítica para as cinco modalidades (linguística, visual, espacial, gestual e sonora) do New London Group (2000) e de Cope e Kalantzis (2015). Rojo (2013, p. 10) problematiza a forma descontextualizada e fragmentada que as análises por meio da utilização desse modelo podem resultar, assim como a separação feita pelo quadro do NLG do “social”, do “contextual” e do “ideológico” em níveis diferentes, o que, para a autora, parece inconcebível para um analista do discurso e da enunciação,³ e, por fim, critica também uma “busca de isomorfismo ou funcionamento semelhante em processos de semiose diferentes”.

Já em um trabalho mais recente, ao propor uma reflexão sobre as relações entre ensino, currículo e tecnologias, Rojo (2017) chama a atenção para a pedagogia dos multiletramentos como uma pedagogia que estabelece diferentes papéis para alunos e professores, em que os alunos são mais autônomos em seus processos de aprendizagem e os professores passam a ser mediadores de aprendizagens colaborativas. Segundo Rojo (2017, p. 9), a pedagogia dos multiletramentos, criticada em outro momento, é

[...] uma pedagogia por design, na qual os estudantes precisam se apropriar dos designs digitais disponíveis, isto é, precisam, é claro, ter conhecimento prático e competência técnica para ser um “usuário funcional”, mas somente isso não basta: é preciso também ser um leitor, um analista crítico desses designs disponíveis (textos, infográficos, vídeos de diversos tipos, esquemas, imagens estáticas, games etc.). Mas uma pedagogia dos multiletramentos não se esgota nos designs disponíveis: ela busca conhecê-los e analisá-los criticamente para, a partir deles, chegar ao redesign, isto é, a uma produção que se apropria do

3 Em nosso humilde entendimento, uma relação entre as teorias de letramentos e as teorias da análise do discurso e da enunciação poderia ser tema para um estudo detalhado, tentando encontrar proximidades e distanciamentos, contudo, especialmente no que diz respeito às teorias da análise do discurso, elas não deveriam ser parâmetro para a análise aqui proposta no âmbito das perspectivas de letramentos e multiletramentos por se tratar de teorias em direções diferentes.

disponível conhecido para “criar sentidos transformados e transformadores”.

Com o propósito de aumentar a fundamentação sobre as concepções de Rojo (2009) acerca dos multiletramentos, é importante ressaltar sua visão sobre o principal objetivo da escola: permitir que o aluno participe das várias práticas sociais na vida da cidade, levando em conta de forma ética e democrática os multiletramentos, sem que se apaguem os letramentos culturais locais de seus agentes, mas colocando-os em contato com os letramentos universais e institucionais.

Com base no conjunto do trabalho de Rojo e também em seu projeto mais recente “Escola Conectada: Protótipos para Novos Multiletramentos na Escola”, pode-se dizer que sua perspectiva é mais voltada a um aspecto mais prático de multiletramentos, que se concentra na aplicação das teorias por meio de materiais digitais ou ainda alternativas digitais para contextos educacionais.

Mesmo não atuando com ênfase especificamente na esfera dos estudos de letramentos e multiletramentos, o trabalho da professora doutora Fernanda Coelho Liberali, da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), também tem relevância para este estudo pelo fato de suas pesquisas terem enfoque tanto nos multiletramentos quanto no contexto de educação bilíngue. O foco de seu trabalho está no quadro da teoria da atividade sócio-histórico-cultural (TASHC), nas áreas de formação de formadores, ensino-aprendizagem, argumentação multimodal, multilinguismo e educação bilíngue. Representante da Associação Vygotskiana Internacional (International Society for Cultural-historic Activity Research – Iscar) no Brasil, Liberali apresenta uma concepção de multiletramentos que se entrelaça com os conceitos de Vygotski e de outros teóricos, como Bakhtin, Marx/Engels e Engeström, em uma abordagem crítico-colaborativa.

A maioria dos estudos de Liberali é voltada para a formação de professores, e, em grande parte desses estudos, os multiletramentos do NLG estão presentes, sempre atrelados a outros conceitos teóricos trabalhados por ela e por outros pesquisadores que fazem parte de seus grupos de pesquisa, por intermédio dos quais, inclusive, boa parte das investigações é feita (Digit-m-ed/Brasil, 2015-2017; Digitmed, 2018-2019). Com base nos preceitos marxistas a respeito da atividade humana e nas características da TASHC, de Engeström (1999), Liberali e seu grupo trabalham com uma proposta curricular baseada em ati-

vidades sociais (LIBERALI, 2009). A escolha pelo termo TASHC, como uma perspectiva vygotkiana, “Se realizou em função da preferência por enfatizar, como apontado por LIBERALI (2009), o foco nas Atividades dos sujeitos em contextos culturais específicos, agindo e fazendo história em interações sociais, uns com os outros [...]” (LIBERALI; MAGALHÃES, 2017, p. 105).

Tal proposta tem foco nos multiletramentos do NLG e objetivo de desencapsulação do ensino-aprendizagem, congregando diferentes áreas de conhecimento por meio de ações que extrapolem suas áreas de domínio.

Em “Atividade social e multiletramento”, Liberali e Santiago (2018) propõem a articulação de um currículo que, pautado por atividades sociais com uma visão de multiletramentos, seja organizado de forma que efetivamente contribua para o ensino de inglês em contexto do ensino médio, considerando como objetivo estar vinculado à “vida que se vive” (MARX; ENGELS, 2006, p. 26). Para isso, Liberali e Santiago (2018) consideram, em sua proposta, os quatro componentes da pedagogia dos multiletramentos (prática situada, instrução evidente, enquadramento crítico e prática transformada), bem como a noção do NLG de multimodalidade, como a integração de variados modos de construir significado: materialidade verbal, imagens, som, postura, cores, entre outros.

Em alguns de seus artigos, inclusive no mais recente deles – “Transforming urban education in São Paulo: insights into a critical-collaborative school project” –, Liberali (2019) apropria-se da perspectiva dos multiletramentos como um modelo organizador das atividades sociais preparadas para um dado propósito educacional. Em diferentes situações de estudo, a pesquisadora comprova, por meio das atividades realizadas com estudantes de diferentes contextos, que os multiletramentos muito podem contribuir para que os docentes possam organizar suas atividades de modo a promover efetivamente a formação de sujeitos autônomos e críticos, capazes de atuar plenamente em sociedade.

Liberali também coordena o projeto “Digitmed: a construção de espaços vividos para o desenvolvimento de mobilidade”, um programa de intervenção crítico-colaborativa, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (Lace/PUC-SP), com a colaboração do Núcleo de Estudos da Paisagem (USP), que tem como foco o desenvolvimento da mobilidade dos participantes, por meio de projetos desencapsuladores. Os projetos, realizados com escolas públicas e privadas, têm sido instrumento para a aplicação dessas teorias, o que significa uma aplicabilidade das concepções de

multiletramentos de Liberali, nos quais se baseiam todas as atividades planejadas para o projeto.

Ressaltando ainda a possibilidade de acompanhar de perto o trabalho de Liberali, especialmente com o projeto Digitmed, é possível afirmar que seu enfoque está no aspecto colaborativo das práticas sociais planejadas para esse contexto. Contudo, concordando com a pesquisadora, trabalhar com uma visão de multiletramentos é assumir que a tecnologia está presente em toda ação em torno do ensinar e aprender dos dias atuais. Como uma síntese do que seria o foco central de seu trabalho, vale citar a seguinte explicação:

[...] envolve o estudo das atividades em que os sujeitos estão em interação com outros em contextos culturais determinados e historicamente dependentes. Esses sujeitos são entendidos como situados no mundo, agindo e fazendo história (VYGOTSKY, 2005). Ademais, focaliza uma perspectiva dialógica da linguagem que tem como base sua compreensão como um fenômeno social, histórico e ideológico, ou seja, como o lugar de interação humana (BAKHTIN, 2010) constituído por diferentes forças que mostram significados e vozes marcados linguisticamente no discurso de forma multimodal e argumentativa (LIBERALI; MAGALHÃES, 2017, p. 105).

EDUCAÇÃO BILÍNGUE E MULTILETRAMENTOS – É POSSÍVEL RELACIONAR?

A expansão do ensino bilíngue é um fenômeno cada vez mais notável no meio do ensino privado no Brasil hoje. Se há alguns anos o acontecimento começa a chamar atenção de pesquisadores da área da linguística aplicada, hoje pessoas de quaisquer outras áreas podem identificar essa tendência, basta ter filhos matriculados em escolas particulares para que possam ser surpreendidas com novas alternativas de currículos que ofereçam maiores cargas horárias de ensino do inglês. Como resposta ao impacto dos processos de globalização em percurso no mundo, cada vez mais a língua inglesa ganha prestígio e estabelece-se como um valor a ser adquirido, fato que vem a ser determinante para explicar essa demanda. Para Megale e Liberali (2016), considerando a velocidade das mudanças do mundo cada vez mais integrado e conectado em que vivemos, a língua inglesa assume um papel fundamental de língua mundial, tornando-se a língua com cotação mais alta (GRIGOLETTO, 2007 *apud*

MEGALE; LIBERALI, 2016), o que se relaciona diretamente com o interesse pelo seu aprendizado.

De acordo com as autoras,

Anualmente, diversas escolas bilíngues são abertas nas grandes capitais e diversas escolas regulares monolíngues adotam currículos bilíngues a fim de serem nomeadas escolas bilíngues e, com isso, atingirem uma maior parcela da população brasileira que enxerga a educação bilíngue como uma vantagem para seus filhos (MEGALI; LIBERALI, 2016, p. 12).

Contraditoriamente ao crescimento dessa modalidade de ensino, um fator problemático que concerne a quaisquer pesquisas a esse respeito já foi apontado por diferentes pesquisadores (MOURA, 2009; GARCIA, 2011; FORTES, 2016; MEGALE; LIBERALI, 2016; MEGALE, 2017, 2018): a falta de regulamentação das escolas bilíngues. Os estudos apontam organizações (como a Organização das Escolas Bilíngues – OEBi), dois documentos oficiais dos estados do Rio do Janeiro e de Santa Catarina com algumas diretrizes para regulação dessas instituições e até *websites* (STORTO, 2015), como o www.educaçãobilingue.com, que contribuem para reunir informações sobre essa área, contudo as pesquisas convergem no ponto de que ainda não há uma legislação própria que contemple o ensino bilíngue. E esse é um ponto relevante no que diz respeito aos objetivos mencionados neste texto, na medida em que tratar de perspectivas teóricas como a de multiletramentos é tratar de uma prática pedagógica que as leve em conta, ou seja, relaciona-se diretamente com formação de professores.

Não há dúvidas de que São Paulo concentra a maioria das escolas bilíngues no país, e esse, inclusive, é um dado que pode ser verificado em diversas pesquisas nesse campo (MOURA, 2009; GARCIA, 2011; STORTO, 2015; FORTES, 2016; MEGALE; LIBERALI, 2016). No entanto, mesmo em São Paulo, a escassez de cursos de formação de professores nessa área é latente. Além do curso de pós-graduação (*lato sensu*) pioneiro em Educação Bilíngue do Instituto Singularidades, que teve sua primeira turma em 2009, os demais ainda são cursos mais rápidos de extensão, como os que são oferecidos pela PUC-SP e por incontáveis plataformas *on-line* que oferecem diversos cursos sobre o tema. Na maior parte das vezes, trata-se de plataformas criadas por docentes com experiência e especialização em ensino bilíngue/bilinguismo. Contudo, sem uma regulamentação específica, como pensar em uma gradua-

ção própria ou em disciplinas específicas para os cursos de graduação em Letras? Por conta da falta de regulamentação e da decorrente escassez de cursos de formação de professores, as escolas bilíngues de São Paulo adotam propostas de pedagogias e metodologias à sua maneira e preferência. Com isso, não há intenção de sugerir que as escolas fazem o que entendem em seus projetos pedagógicos ou de criticar essa prática, mas apenas reforçar que não há parâmetros concretos e oficiais que possam ser considerados como fundamentais na elaboração desses currículos e na escolha de metodologias. Apenas para situar este estudo, no estado de São Paulo, segundo Corredato (*apud* FORTES, 2016, p. 94), existem quase 90 escolas bilíngues e internacionais, das quais 68 estão na capital, ressaltando que não constam em nenhuma lista das pesquisas aqui analisadas as escolas regulares que adicionam currículos bilíngues aos seus programas, assim como escolas menores abertas mais recentemente ainda não aparecem nessas listagens. Entre todas essas instituições, pode-se dizer que há um grupo mais seletivo de escolas bilíngues pioneiras na cidade de São Paulo, com mais de 20 anos de existência, e é justamente por meio dos discursos veiculados nos *websites* dessas escolas que é possível acessar, pelo menos superficialmente, o tipo de proposta pedagógica utilizada por cada uma delas.

A esse respeito, é relevante considerar que, de acordo com Garcia (2011), os *websites* das escolas podem ser compreendidos como uma modalidade do discurso institucional, na medida em que têm como objetivo tornar visíveis suas práticas e regras, construindo assim uma legitimidade e historicidade dessas instituições. Desse modo, é possível visualizar o que poderia ser um primeiro passo para um estudo mais cuidadoso sobre a presença dos conceitos aqui tratados nas propostas pedagógicas que podem ser conferidas nos *websites* de escolas desse segmento. A grande maioria das instituições de ensino desse segmento tem como prática comum disponibilizar *websites* e até redes sociais diariamente alimentados com bastante informação sobre suas propostas pedagógicas, contudo seria necessário um estudo de maior amplitude para que as informações dispostas nesses canais pudessem ser analisadas de acordo com os questionamentos suscitados no presente trabalho.

Diante do exposto, faz-se pertinente encerrar o texto reforçando a necessidade urgente de mais estudos e pesquisas nessa área. Se as pesquisas em educação bilíngue já são escassas, como evidenciado na literatura (MEGALE; LIBERALI, 2016; MEGALE, 2017; FORTES, 2016), estudos nesse campo que tenham enfoque nos multiletramentos, nos letramentos digitais ou ainda em novos letramentos, em tecnologia e em como essas escolas estão entendendo e

aplicando as novas teorias são pouquíssimos. Entretanto, a relevância de pesquisas nessa área se dá em vista da irrefreável expansão dessa modalidade de ensino e, como consequência, da necessidade de cursos de formação específica de professores para esse contexto. Com isso, a partir das questões brevemente aqui tratadas, ficam muitas possibilidades de caminhos para futuras pesquisas.

Multiliteracies and bilingual education: interlacing discourses and perspectives

Abstract

The present paper intends to investigate the main multiliteracies conceptions in Brazil in the light of the New London Group's theoretical contributions, which have been significantly exploited by the ELT field of studies recently. This article aims to consider these perspectives and search for possible relations between these theories and the remarkable bilingual education expansion in Brazil, trying to understand how they are conceived in an elite bilingual education context.

Keywords

Multiliteracies. Technology. Prestigious bilingual education.

REFERÊNCIAS

COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.). *Multiliteracies*. Literacy learning and the design of social futures. London, New York: Routledge, 2000.

COPE, B.; KALANTZIS, M. *A pedagogy of multiliteracies: learning by design*. Illinois: University of Illinois, 2015.

DUBOC, A. P. M.; FERRAZ, D. M. Reading ourselves: placing critical literacies in contemporary language education. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 227-254, jun. 2018. DOI 1590/1984-6398201812277

ENGESTROM, Y. Activity theory and individual and social transformation. *Perspectives on Activity Theory*, v. 19, n. 38, 1999.

FORTES, L. *Entre o silêncio e o dizível: um estudo discursivo de sentidos de bilinguis-*

- mo, educação bilíngue e currículo em escolas bilíngues português-ínglês. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GARCIA, B. R. V. *Quanto mais cedo melhor (?)*: uma análise discursiva do ensino de inglês para crianças. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- GEE, J. P. *Literacy and education*. Abingdon: Routledge, 2015.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita*: uma perspectiva psicolinguística São Paulo: Ática, 1986. v. 9.
- KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, A. B. *Preciso ensinar o letramento*. Não basta ensinar a ler e escrever. Campinas: Unicamp, Ministério da Educação, 2005.
- LIBERALI, F. C. *Atividade social nas aulas de língua estrangeira*. São Paulo: Moderna, 2009.
- LIBERALI, F. Transforming urban education in São Paulo: insights into a critical-collaborative school project. *Delta*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. e2019350302, abr. 2019.
- LIBERALI, F.; MAGALHÃES, M. C. Entrelaces Vygotskianos. In: FÓRUM ISCAR-BRASIL, 4., *Caderno de Resumos* [...]. Londrina, 2017. p. 102-165.
- LIBERALI, F. et al. Projeto digit-m-ed Brasil: uma proposta de desencapsulação da aprendizagem escolar por meio dos multiletramentos. *Prolíngua*, João Pessoa, v. 10, n. 3, p. 2-17, nov./dez. 2015.
- LIBERALI, F.; SANTIAGO, C. Atividade social e multiletramento. *Inglês: Linguagem em atividades sociais 2* (2018): 19.
- LUKE, C. Cyber-schooling and technological change: Multiliteracies for new times. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.) *Multiliteracies: Lit learning*. Abingdon: Routledge, 2005. p. 77-98.
- MARX, K.; ENGELS, F. The ruling class and the ruling ideas. *Media and Cultural studies*, v. 9, 2006.
- MEGALE, A. H. Bilingüismo e educação bilíngüe: discutindo conceitos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, n. 5, p. 1-13, ago. 2005.
- MEGALE, A. H. Memórias e histórias de professores brasileiros em escolas bi/multilíngues de elite. 2017. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325801>. Acesso em: 2 ago. 2019.
- MEGALE, A. H. O retrato linguístico de uma professora entre-línguas. *Revista Colom-*

biana De Educação, n. 75, p. 287-309, Dec. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012039162018000200287&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2019.

MEGALE, A. H.; LIBERALI, F. Caminhos da educação bilíngue no Brasil: perspectivas da linguística aplicada. *Raído*, Dourados, v. 10, n. 23, p. 9-24, jul./dez. 2016.

MONTE-MÓR, W. Investigating critical literacy at the university in Brazil. *Critical Literacy: Theories and Practices*, v. 1, p. 41-51, 2007.

MONTE-MÓR, W. Critical literacies, meaning making and new epistemological perspectives. *Matices en Lenguas Extranjeras*, Bogotá, v. 1, n. 2, p. 1-18, dic. 2008.

MONTE-MÓR, W. Globalização, ensino de língua inglesa e educação crítica. In: SILVA, K. A. da et al. *A formação de professores de línguas: novos olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 23-50.

MONTE-MÓR, W. Convergência e diversidade no ensino de línguas: expandindo visões sobre “a diferença”. *Revista Polifonia*, Cuiabá, v. 21, n. 29, p. 234-253, jan./jul. 2014.

MONTE-MÓR, W. Learning by design: reconstructing knowledge processes in teaching and learning practices. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.). *A pedagogy of multiliteracies*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 186-209.

MOURA, S. de A. *Com quantas línguas se faz um país?* Concepções e práticas de ensino em uma sala de aula na educação bilíngue. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.). *Multiliteracies*. Literacy learning and the design of social futures. London, New York: Routledge, 2000. p. 60-91.

PENNYCOOK, A. Hip-hop pedagogies and local knowledge. In: PENNYCOOK, A. *Global Englishes and transcultural flows*. Abingdon: Routledge, 2007. p. 140-158.

ROJO, R. H. R. *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. (org.). *Língua portuguesa: ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEB, 2010. v. 19, p. 15-36.

ROJO, R. Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (ed.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012a. p. 11-31.

ROJO, R. *Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na*

escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012b.

ROJO, R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, R. (org.). *Multiletramentos e as TICs: escol@ conect@d@*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 9-32.

ROJO, R. Entre plataformas, ODAS, e protótipos: novos multiletramentos em tempos de WEB2. *The ESPECIALIST: Descrição, Ensino e Aprendizagem*, Campinas, v. 38, n. 1, p. 1-20, jan./jul. 2017.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. São Paulo: Contexto, 2008.

STORTO, A. C. *Discursos sobre bilinguismo e educação bilíngue: a perspectiva das escolas*. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.